

Intervenção fonoaudiológica centrada na família

Apresentadoras:

Christinau Silva – 4º ano

Letícia Costa – 3º ano

Orientação:

Fga Dra Grace Cristina Ferreira-Donati

Diferentes abordagens na relação terapêutica



Abordagem centrada na pessoa

Abordagem centrada na família

Modelo Biomédico

Modelo formal

Modelo funcional

Abordagem comportamental

Diferentes abordagens na relação terapêutica



Abordagem centrada na pessoa

Abordagem centrada na família

Modelo Biomédico

Modelo formal

Modelo funcional

Abordagem comportamental

Família x Comunicação

- O desenvolvimento sociolinguístico e da comunicação dependem da interação entre diversos fatores, e um deles, é a participação da **família** neste processo.
- É ela quem forma o primeiro grupo de convívio do indivíduo, e é neste grupo em que adquirem suas primeiras relações afetivas, o aprendizado e as funções de seu papel social.
- Desse modo, aprende a utilidade dos sons e passa a usá-los com a intenção de se comunicar com o outro, e a evolução deste quadro é o desenvolvimento da fala, do pensamento e de outras habilidades importantes.

ABRAMIDES, 2008
MINERVINO, 2008



A intervenção fonoaudiológica centrada na família

“ [...] é fundamental que este indivíduo seja compreendido como membro de uma família que, em face de um transtorno comunicativo, enfrenta dificuldades e busca, de um modo ou de outro, se ajustar a esta demanda”.

FERREIRA-DONATI, 2016.

Abordagem centrada na família

- ▶ Baseia-se em princípios de prática concebidos para aumentar a autodeterminação dos pais de crianças e jovens com deficiência, nos processos parentais de tomada de decisão colaborativa do profissional e autoeficácia dos pais.
- ▶ Os profissionais assumem o papel de facilitador e colaborador, e não de especialista cujo conhecimento excede o dos pais.



▶
DUNST et al., 1988,
BLOCK & BLOCK, 2002,
TOMASELLO, et al, 2010.



Abordagem centrada na família

Allen, Petr e Brown (1997) reiteraram as dimensões da prática centrada na família como:

- ◀ Centralizado na família (o profissional atua sobre toda a família, não apenas com a criança sob atenção);
- ◀ Tomada de decisão informada pelas famílias (profissional deixa claro que a família, não o profissional, é a responsável por decidir o que é feito pela criança e família);
- ◀ Perspectiva de pontos fortes (o funcionário entende que os pais conhecem seu filho melhor do que qualquer outra pessoa).

TOMASELLO, et al, 2010

Abordagem centrada na família

- ▶ Tempo investido com a criança e com a família;;
- ▶ Ouvir atentamente a família;
- ▶ Sensibilidade à família e aos seus valores e costumes;
- ▶ Fornecer informações apropriadas à família;
- ▶ Ajudar a família a se sentir parceira na assistência à saúde da criança.

Aumenta a probabilidade da família ficar satisfeita com o cuidado que recebem do profissional e, por sua vez, aumenta a chance da família seguir suas recomendações.

Abordagem centrada na família

Assim, não só os pacientes terão apoio, mas as famílias também.

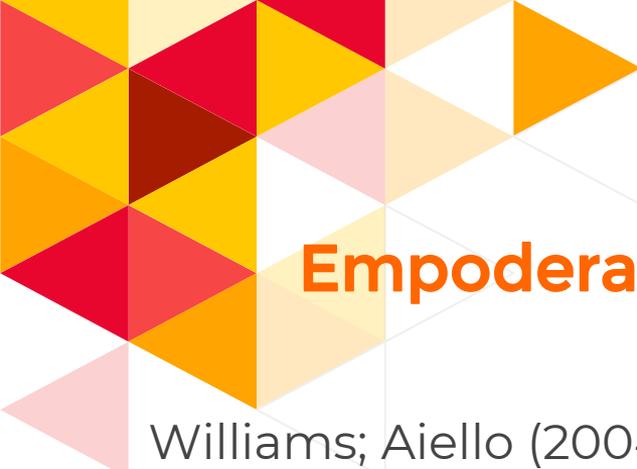
Uma abordagem centrada na família para trabalhar com crianças, jovens e suas famílias, favorecem os profissionais de saúde a melhor atender às diversas necessidades com as quais essas famílias podem apresentar.



Empoderamento familiar

Singh et al. (1995):
É o processo pelo qual as famílias têm acesso ao conhecimento, às habilidades e aos recursos que as tornam capazes de adquirir controle positivo sobre suas vidas, como, também, de melhorar a qualidade de seu estilo de vida.

FERREIRA-DONATI (2017).



Empoderamento familiar

Williams; Aiello (2004):

“Atuando de tal forma, a relação de parceria se operacionaliza de modo correto, ou seja, a família passa de uma posição passiva (de ser mera receptora de serviços) para ser um agente de transformação social, capaz de mudar e enfrentar com dignidade as múltiplas adversidades da vida. Em outras palavras, a família torna-se empoderada.”

FERREIRA-DONATI (2016).



**Como pôr em
prática
?**

Como pôr em prática esta intervenção?

Entrevista fonoaudiológica



Avaliação e diagnóstico



Planejamento terapêutico



A entrevista fonoaudiológica

Entrevista ainda é bastante influenciada ou mesmo baseada no modelo médico: a chamada anamnese, que tende a produzir um questionário que leva a uma forma de entrevista dirigida, em que, fatalmente haverá um “jogo de perguntas e respostas”.

A entrevista inicial fonoaudiológica, por seu caráter de importância, deve ser ponto de reflexão para o fonoaudiólogo, uma vez que funciona como sendo a **porta de entrada do paciente no tratamento**.

É a partir dela que o terapeuta consegue reunir dados para analisar e viabilizar sua decisão em face da problemática da comunicação que é apresentada.

A entrevista fonoaudiológica

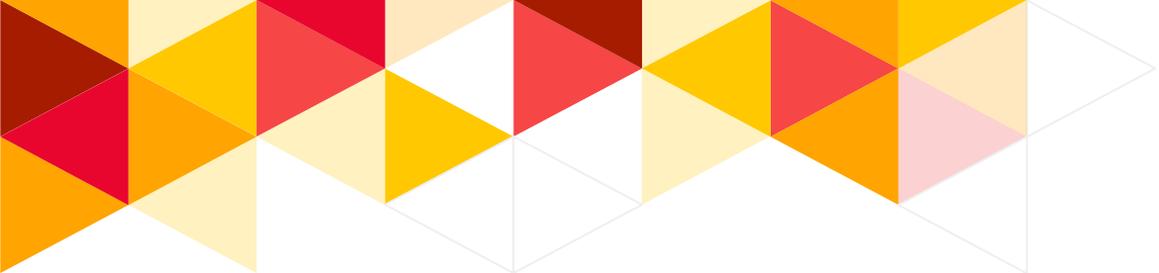
A entrevista inicial configura-se como o procedimento que funciona, viabilizando a introdução da pessoa no universo clínico. É a partir dela que se pode deixar desvendar, sistematicamente, a história de vida do paciente, de sua família e de sua patologia.

O favorecimento de uma condição de escuta possibilita que a entrevista seja como um momento em que o "verbo se fez", abrindo espaço e interlocução, em que a linguagem passa a ser entendida como transparente e opaca ao mesmo tempo, cabendo ao fonoaudiólogo, a partir da escuta do dizer do outro, atribuir significado e conceber um sentido inédito à história relatada pelo paciente ou por sua família.

A entrevista fonoaudiológica

É importante que o paciente e/ou sua família se sintam confiantes no terapeuta. Este, por sua vez, precisa também oferecer a sensação de segurança a quem o procura, circunstância necessária para que o paciente e sua família experimentem um sentimento de estabilidade e continuidade no tratamento.

REGO, 2000.



A avaliação fonoaudiológica

A avaliação clínica pressupõe o conhecimento e o uso de uma série de ferramentas técnicas, especificamente ligadas à Fonoaudiologia e à comunicação humana, mas, também, questões mais abrangentes relativas ao ser humano e suas relações e sentimentos sobre o meio que o cerca.

Geralmente, o paciente e seus familiares estão em situação de vulnerabilidade em relação ao profissional de saúde, visto que este é o detentor do conhecimento técnico acerca das tecnologias a serem empregadas, considerando graus variados de sofisticação, custo e eficiência.

GOULART, CHIARI, 2007.

A avaliação fonoaudiológica

A intervenção voltada a família permite que tais tomem decisões sobre a avaliação e o tratamento de seus filhos e incentiva o profissional a reconhecer a família como especialista no desenvolvimento da criança.



TOMASELLO et al, 2010



O diagnóstico

O momento de informar o diagnóstico é o episódio de maior sensibilidade na relação entre o profissional de saúde com os familiares e também, está intimamente ligado com a capacidade de encontrar apoio, confiança e esclarecimentos reais.

Nem sempre os profissionais estão preparados para fornecê-lo, podendo dar falsas esperanças ou ser extremamente realista e pessimista.

FALKENBACK, DREXSLER, WERLER, 2008.





O diagnóstico

Receber o diagnóstico sobre qualquer alteração é sempre impactante para toda a família. A partir dessa notícia, surge um turbilhão de sentimentos inesperados em todos os familiares, como angústia, medo, frustração e insegurança, o que pode levar a conflitos inesperados.

Com a confirmação do diagnóstico, muitas famílias acabam vivenciando o período de negação, já que, no íntimo não querem deixar para trás as idealizações que criaram para aquela criança. Com isso, devemos ajudá-los a superar este momento.

Se respeitar e se permitir sofrer é de suma importância para encarar a realidade e prosseguir empenhado na reabilitação dessa criança.

FUMAGALI, LOPES-HERRERA, 2016.



O diagnóstico

Entretanto, para que as orientações transmitidas pelos profissionais aos responsáveis pela criança sejam compreendidas, faz-se necessário que estas sejam claras, acessíveis e realizadas de maneira sistemática;

Além disso, as informações verbais possuem a emergência de serem complementadas com materiais educativos com linguagem simples e acessível, para que os pais acessem após as consultas, respeitando assim o tempo para assimilação do conteúdo.

BASTOS, FERRARI, 2014.

O planejamento terapêutico

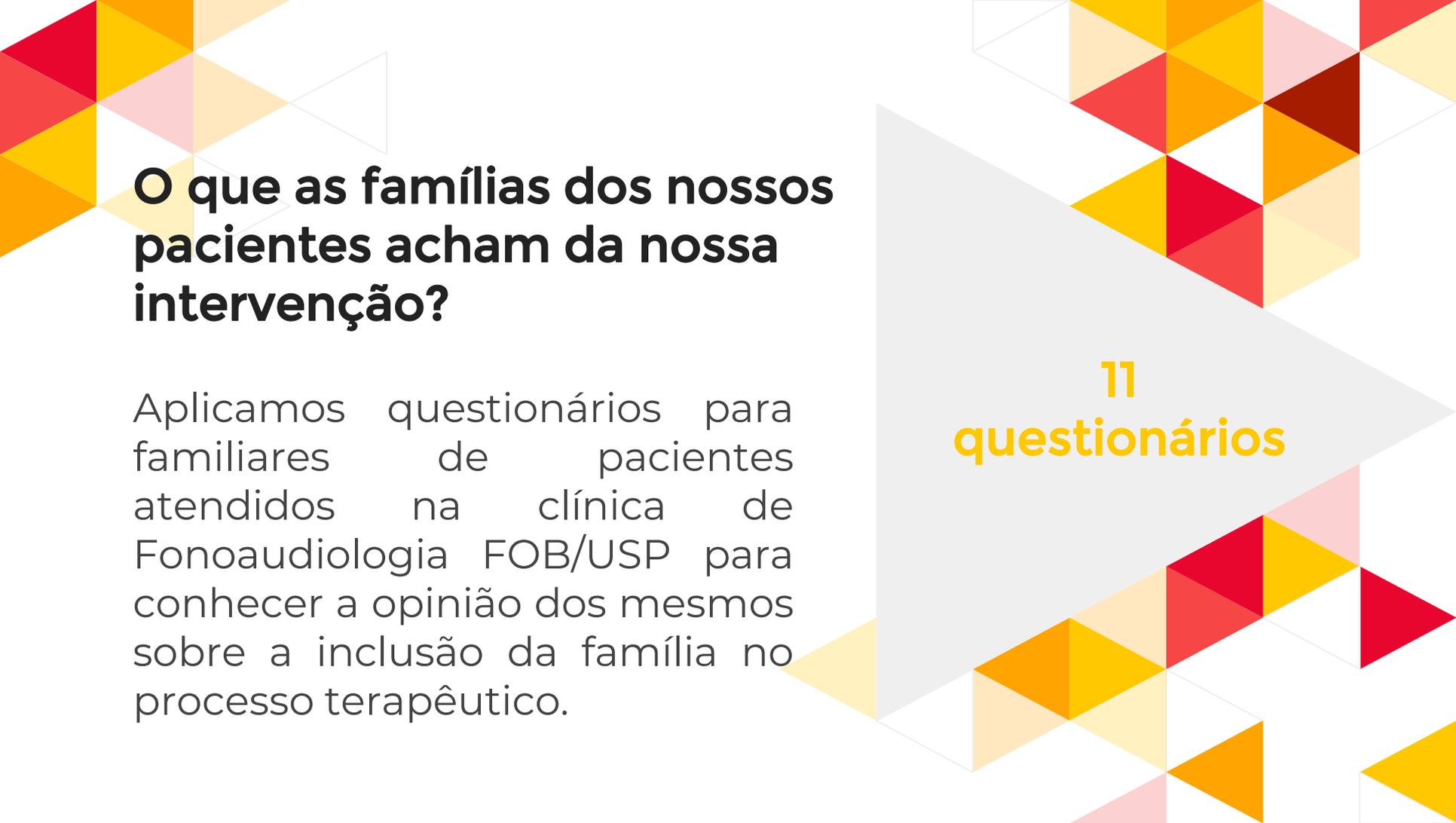
- A família pode assegurar e participar do processo terapêutico de diferentes formas.
- A confiança mútua desenvolvida entre os membros que fazem parte do processo que o tornam criador de possibilidades e permitem ao terapeuta a visão privilegiada sobre o lugar do sujeito na família e as possibilidades de mudança.
- Neste trabalho com a família, o fonoaudiólogo se coloca como mediador e não como instrutor.

GIVIGI, 2007.

O planejamento terapêutico

- O relacionamento harmonioso entre o terapeuta e o paciente, e entre a família e o terapeuta criará um ambiente favorável à confiança entre todos os envolvidos no processo.
- Construído o vínculo, a família estará mais disponível para, por meio das trocas com o profissional, compreender e participar de modo construtivo no desenvolvimento do processo de seu filho.
- A parceria estará selada, e será o paciente que receberá os benefícios dessa parceria.

GIVIGI, 2007.



O que as famílias dos nossos pacientes acham da nossa intervenção?

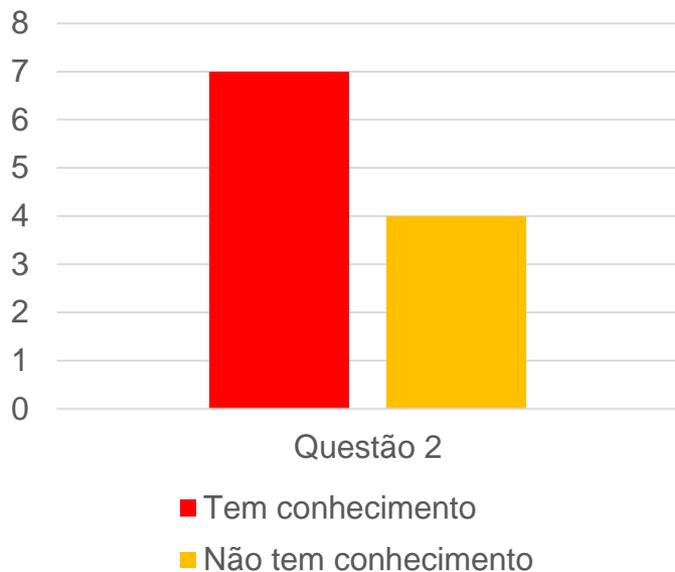
Aplicamos questionários para familiares de pacientes atendidos na clínica de Fonoaudiologia FOB/USP para conhecer a opinião dos mesmos sobre a inclusão da família no processo terapêutico.

11
questionários

11 questionários

Na sala de espera

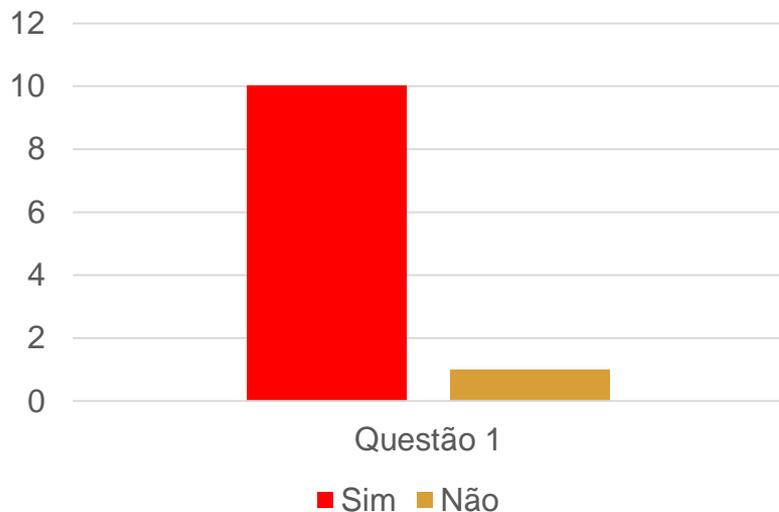
1. Objetivos do atendimento fonoaudiológico



11 questionários

Na sala de espera

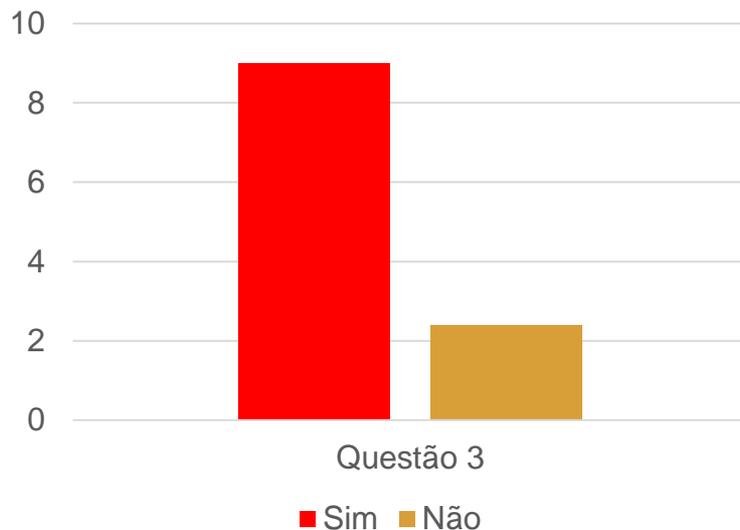
2. Informações fornecidas a respeito do processo terapêutico são suficientes?



11 questionários

Na sala de espera

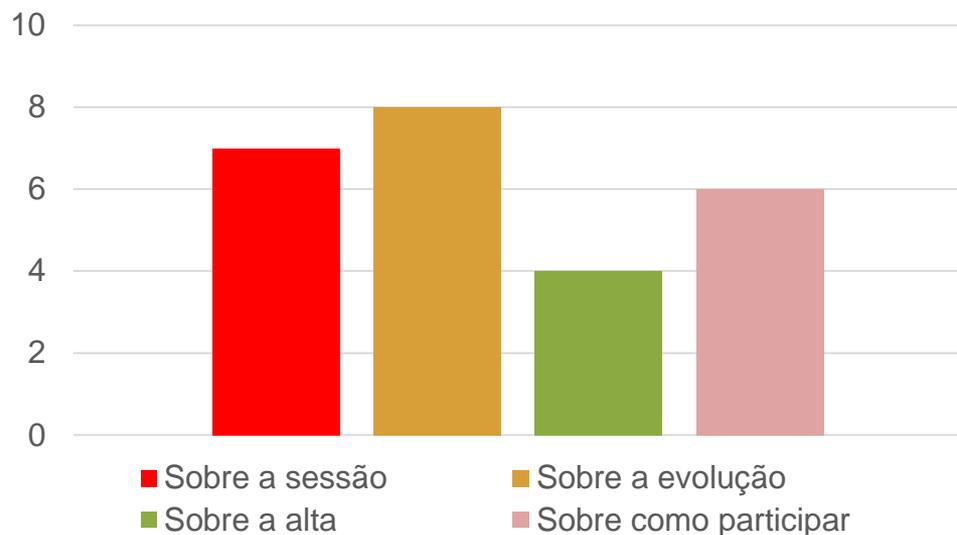
3. Gostaria de ter mais informações sobre o atendimento?



11 questionários

Na sala de espera

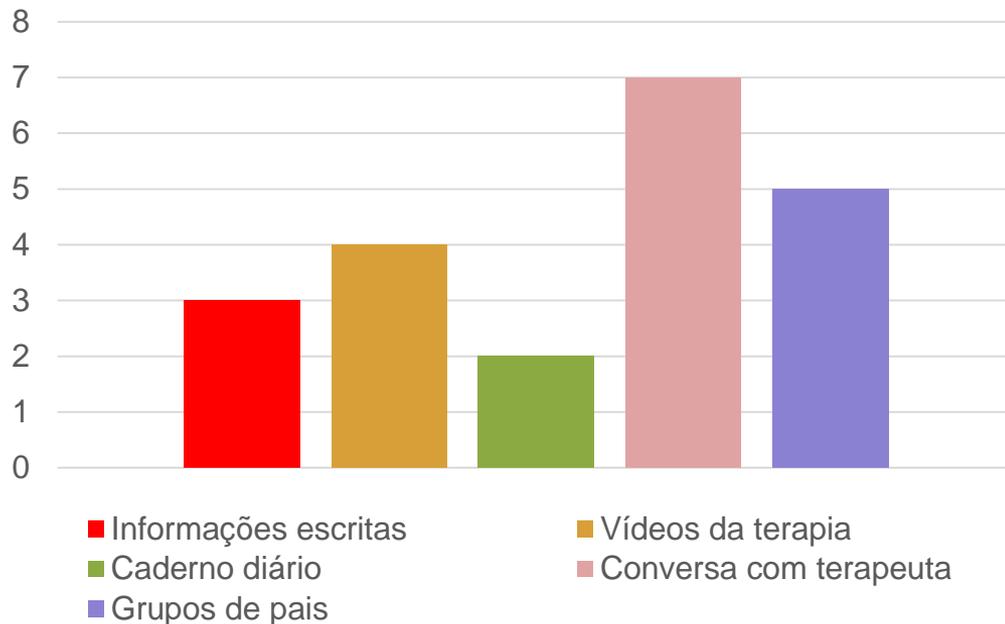
4.O que você gostaria de saber ?



11 questionários

Na sala de espera

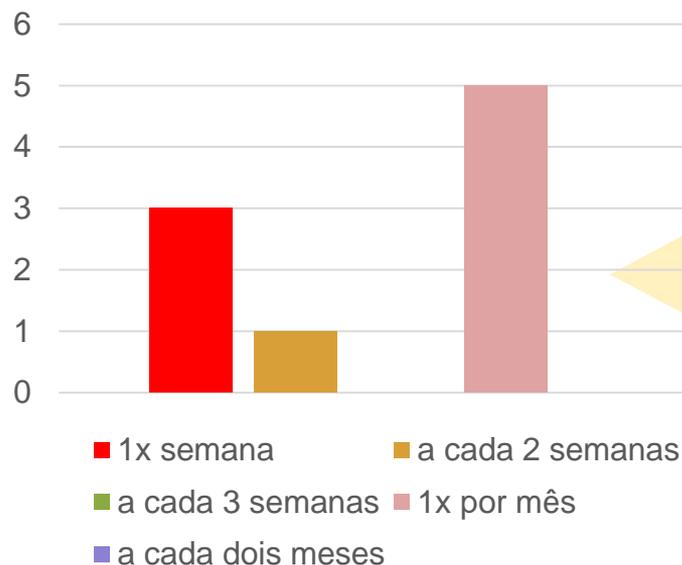
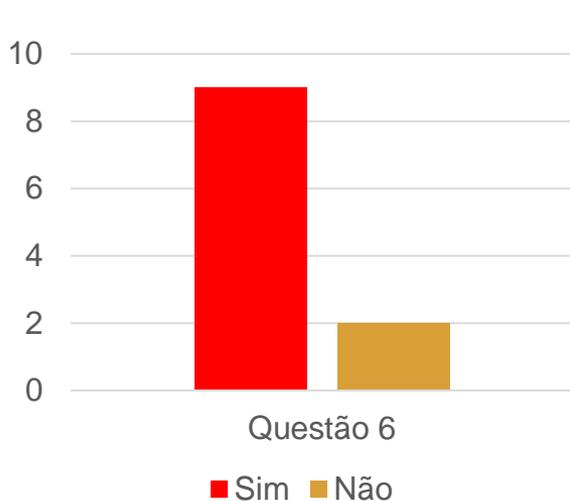
5. De que forma você acha que poderia participar mais?



11 questionários

Na sala de espera

6. Você gostaria de participar da sessão de terapia? Com que frequência?



11 questionários

Na sala de espera

6. O que você acha que aprenderia?

“Como ajudar ele em casa, pois ele não aceita ajuda de casa”

“Aprenderia a maneira correta de auxiliá-lo em casa com os exercícios”

“A ensinar com técnica”

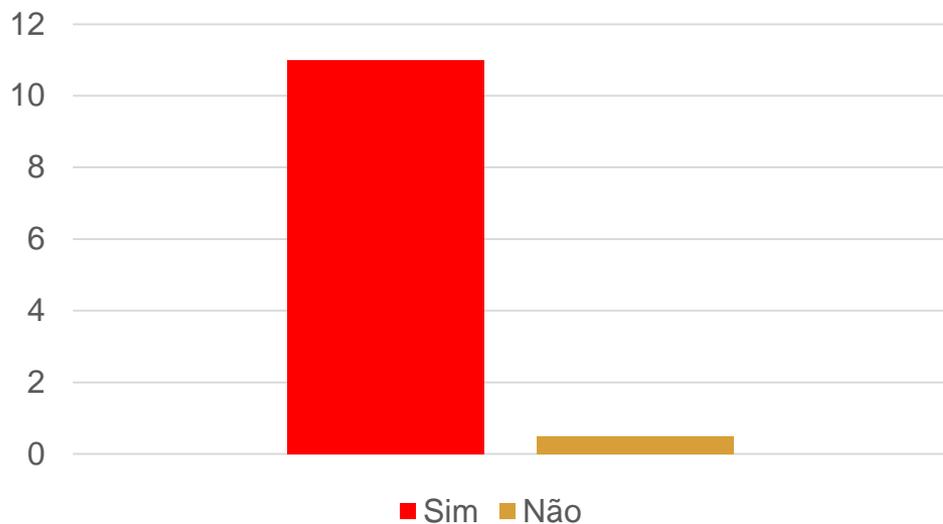
“Como ajudar meu filho a ter alta mais rápido”

“A sentir o crescimento da criança em relação ao seu problema específico, mesmo conversando com a profissional, seria bem interessante, saber dele, sem que ele perceba a presença dos pais”

11 questionários

Na sala de espera

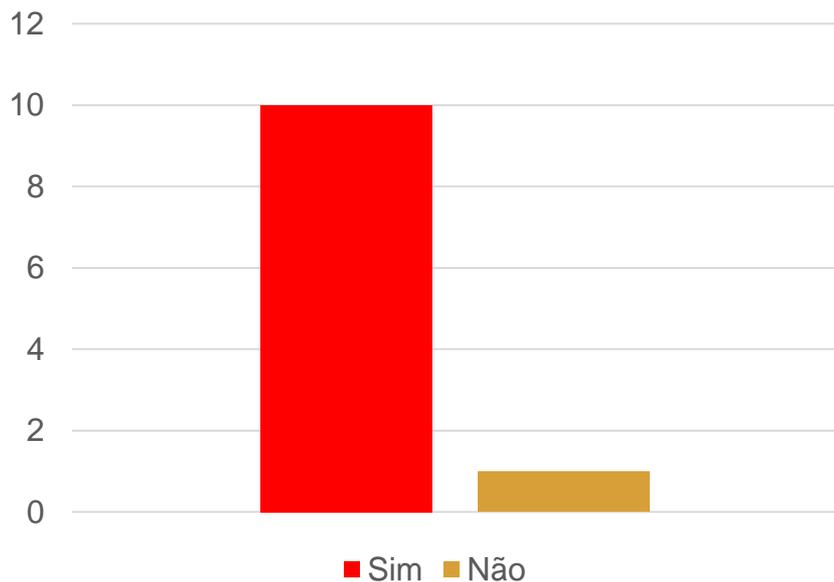
7. Você tem conseguido participar do processo terapêutico?



11 questionários

Na sala de espera

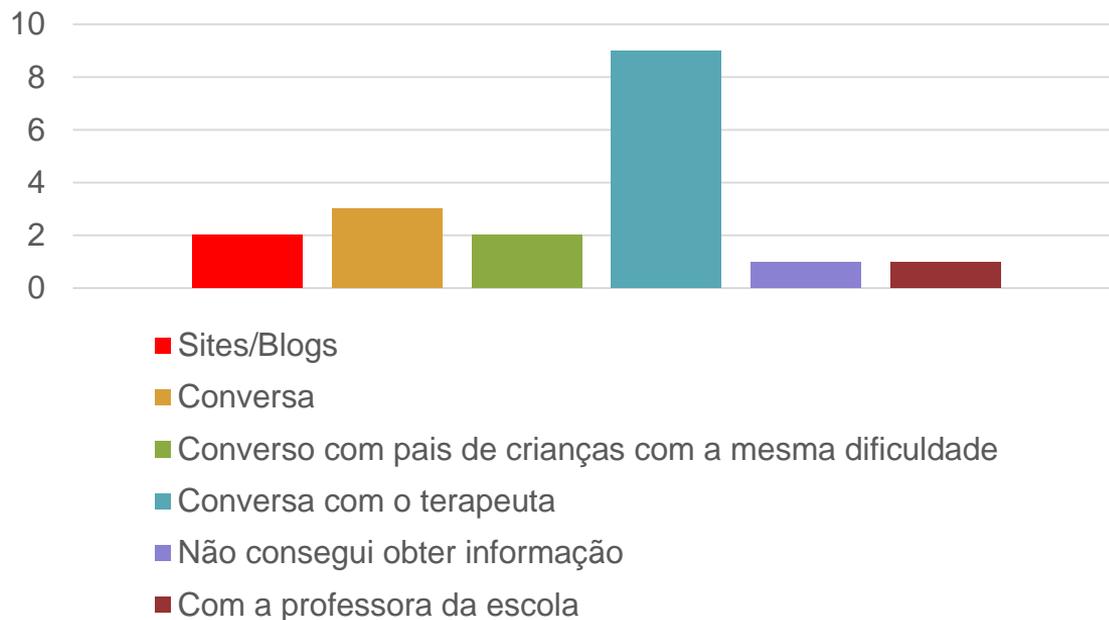
8. Você se sente seguro para realizar as atividades orientadas pelo fonoaudiólogo, em casa?



11 questionários

Na sala de espera

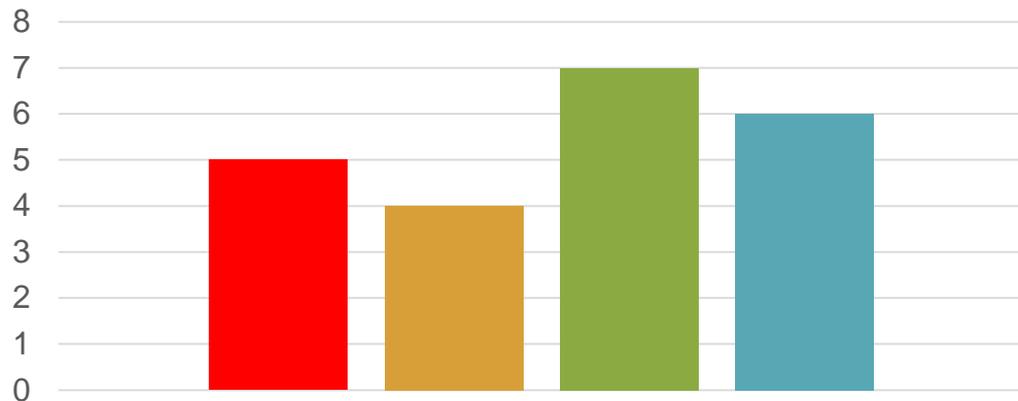
9. Como você adquire informações a respeito da dificuldade?



28 questionários

Na sala de espera

10. Como você acha que aprende melhor?



- Com vídeo demonstrativo
- Lendo textos
- Fazendo com alguém mais experiente
- Discutindo com pessoas que estão aprendendo a mesma coisa



Em resumo

Objetivos do atendimento

Metade dos pais não souberam informar ou informaram incorretamente qual o objetivo do tratamento dos seus filhos, o que indica uma falha na comunicação entre profissional e família;

Informações sobre o atendimento

Quase 100% dos pais gostariam de receber mais informações sobre o atendimento de seus filhos, sendo elas a respeito da evolução, sobre as atividades realizadas durante a terapia e sobre como auxiliar e participar do processo terapêutico.

Como participar mais

O terapeuta deve questionar a família sobre como ela aprende mais, de que forma ela consegue participar mais do processo terapêutico, considerando as limitações e as necessidades de cada família.



Grace C. Ferreira-Donati

Fonoaudióloga clínica formada pela USP Bauru, em 1999. É especialista em Linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia (2002), mestre (2006) e doutora (2016) em Educação (Educação especial) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, Terapeuta certificada pelo Hanen Centre para o Programa More Than Words de capacitação de familiares de crianças com TEA e outras dificuldades de comunicação social. Atual Coordenadora do Comitê de CSA e LIBRAS da SBFa e pós-doutoranda na FOB/USP.

Referências

- ◀ ANDRADE, C. R. F. Fonoaudiologia preventiva: teoria e vocabulário técnico-científico. Ed Lovise. São Paulo, 1996. 165 p.
- ◀ FONOAUDIOLOGIA, o que é. Conselho Regional de Fonoaudiologia, 2ª Região São Paulo. Acesso em 06 nov 2016. Disponível em:< <http://www.fonosp.org.br/crfa-2a-regiao/fonoaudiologia/o-que-e-a-fonoaudiologia/>>.
- ◀ MALUF, A.C.R.F.D.Novas modalidades de família no pós-modernidade. (Tese de doutorado). Faculdade de Direito da USP. São Paulo, 2010.
- ◀ ABRAMIDES, D. V. M. Capítulo 2 – Aspectos psicossociais da aquisição e desenvolvimento da linguagem. In: LAMÔNICA, D. A. C. Estimulação da linguagem: Aspectos teóricos e práticos. 1ed. São José dos Campos: Pulso, 2008; p. 29 – 41.
- ◀ MINERVINO – PEREIRA, A. C. M. Capítulo 3 – O envolvimento da família no processo de reabilitação de crianças com alterações. In: LAMÔNICA, D. A. C. Estimulação da linguagem: Aspectos teóricos e práticos. 1ed. São José dos Campos: Pulso, 2008; p. 43 – 54.
- ◀ FERREIRA-DONATI, G. C. Programa de educação familiar à distância em linguagem e comunicação suplementar e alternativa (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2016.
- ◀ GOLDONI, N. I. Orientação para familiares de alunos com paralisia cerebral usuários de sistemas de comunicação suplementar e alternativa (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2014.

Referências

- ◀ FUMAGALI, F. A. Estimulação de linguagem direcionada para pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) - Guia Informativo (monografia). Faculdade de Odontologia de Bauru. Bauru, 2016.
- ◀ BASTOS, B. G. FERRARI, D. V. Portal dos bebês - Seção aparelho auditivo: avaliação por pais de crianças deficientes auditivas. Rev. CEFAC. Jan-Fev; 16(1):72-82. São Paulo, 2014. Disponível em <www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n1/1982-0216-rcefac-16-1-0072.pdf>. Acesso em 13 maio 2017.
- ◀ GIVIGI, R.C.N. et al. Implicações de um diagnóstico: o que sentem as famílias dos sujeitos com deficiência? Distúrbios Comun. São Paulo, 27(3):445-453, setembro, 2015.
- ◀ GIVIGI, R. C. N.; SANTOS, A. S.; RAMOS, G. O. Um novo olhar sobre participação da família no processo terapêutico. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 3, p. 221-228, set./dez. 2011.
- ◀ FERREIRA-DONATI, G. C. Programa de educação familiar à distância em linguagem e comunicação suplementar e alternativa (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista. Marília, 2016.
- ◀ FERREIRA-DONATI, G. C. Intervenção fonoaudiológica de abordagem comportamental em TEA: metas, modelos e planos terapêuticos (Apresentação oral). I Simpósio Atualidades no Transtorno do Espectro Autista. Bauru, 2017.
- ◀ REGO, F.L.C. A entrevista inicial na clínica fonoaudiológica. Revista Symposium. Ano 4 Número Especial. Novembro, Pernambuco, 2000.

Obrigada!

Perguntas?

- ◀ gracecf@uol.com.br
- ◀ petfono@gmail.com

